



**YIFTAH PELED**



AS RELAÇÕES DE PODER  
FICÇÃO SOCIAL  
PARTICIPAÇÃO  
PEDAGOGIA PARTICIPATIVA  
PERFORMANCE E PARTICIPAÇÃO  
DTEEP. DINÂMICAS E TROCAS ENTRE ESTADOS DE PERFORMANCE  
ESPAÇO PÚBLICO  
DIGESTÃO EXTRENALIZADA  
ARQUITETURA/ CORPO; EQUILÍBRIO PRECÁRIO  
CONSUMIR E SER CONSUMIDO  
OLHAR PERIFÉRICO



**“Turismo Definitivo” 2017:** ambiente participativo composto de um espaço físico com uma proposição impressa, dois suportes com colares e pendentes na forma de modelos de carros pretos do Instituto Médico Legal (IML) e carros fortes que transportam dinheiro, de cor branca, adesivo da agência, fundos preto e branco para a realização de fotos do público participante da proposição artística.

Esse projeto fez parte da exposição coletiva denominada “Frágil Fina Pele da Civilização” aberta em abril na Galeria de Arte e Pesquisa (GAP/ UFES), em Vitória ES. A exposição teve como temática o motim policial no estado de Espírito Santo, em fevereiro de 2017, quando o índice de homicídios saltou para 199 pessoas em 10 dias.



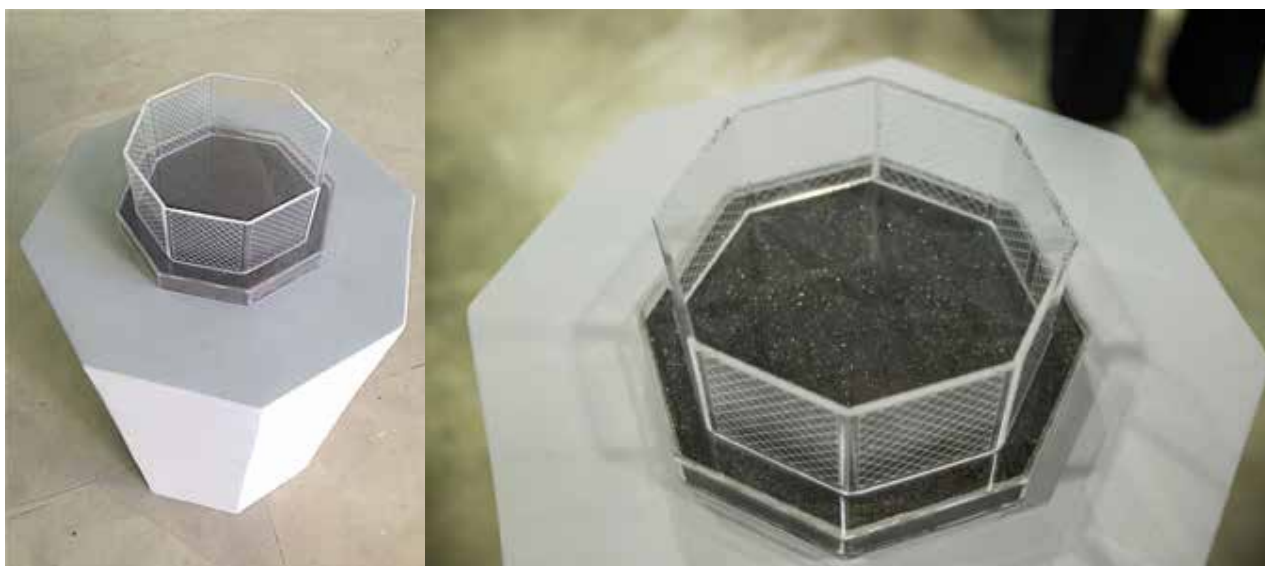
Imagens do ambiente participativo (a esquerda) Foto: arquivo do Artista  
Detalhe dos colares com miniaturas dos veículos (a direita). Foto: arquivo do Artista



Fotos produzidas no ambiente do projeto com visitantes/performers. disponível no site: [https://www.youtube.com/watch?v=ShvqC\\_G\\_DMQ](https://www.youtube.com/watch?v=ShvqC_G_DMQ)

**“Arena VALE tudo”**, 2016 – Resíduo de minério de ferro; miniatura em acrílico (26cmx15cm)  
Imagem da obra. Foto: Shay Peled

A obra é relacionada a questão da poluição causada pelo transporte inadequado de pó de minério de ferro, descarregado no porto da companhia Vale na Praia de Camburi, em Vitória, ES. A fina nuvem de minério de ferro que paira sobre a capital capixaba evidencia a arena de poder das políticas da mineração no Brasil que minimizam os riscos sobre a saúde da população. Em uma época de riscos democratizados e lucros privatizados (Ulrich Beck), o projeto associa as lutas sangrentas da arena Vale Tudo, com sua pulsão agressiva e grotesca, com os impulsos econômicos desumanizados.



**“Racionalidade Tóxica”**, 2016. Argila contaminada do Rio Doce, cubos de acrílico (6cmx-6cmx6cm) sob placas de acrílico, cinco prateleiras pintadas.



Vista geral (a esquerda). Detalhe do trabalho onde aparece a idade de uma das vítimas (à direita) Foto: Shay Peled

A obra foi criada a partir do crime ambiental ocorrido em 2015 que afetou o Rio Doce e a população dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. 19 pessoas perderam a vida no rompimento da Barragem do Fundão em Bento Rodrigues, MG. A Samarco, empresa causadora do desastre, ainda não responsabilizada juridicamente depois de quase dois anos da tragédia, alega intercorrência ambiental - um abalo sísmico.

O trabalho para a exposição é um memorial composto de dezenove cubos de acrílico transparentes preenchidos com a lama tóxica recolhida às margens do Rio Doce. Embaixo de cada cubo, sobre um quadrado de acrílico preto, está cravado um número que se refere à idade de cada uma das vítimas do crime, denunciando o anonimato dessas mortes silenciadas. A ação do visitante (levantando o cubo) permite revelar novamente essa tragédia. O trabalho remete ao paradoxo do valor da vida humana reduzida a um jogo de lucro racional. Em caso de venda, o valor de cada peça será destinado à família da vítima.

Essas duas obras foram apresentadas na exposição “Deslizes Monumentais e Sonhos Intranquilos”, em Junho de 2017 na Galeria de Arte e Pesquisa da UFES (GAP) junto a outros projetos artísticos que versaram sobre a temática do Antropoceno, da mineração e dos crimes ambientais.

O texto curatorial sobre a exposição e o projeto “Deslizes...” disponível em: <http://gapvix.blogspot.com.br/2017/06/abertura-deslizes-monumentais-e-sonhos.html>

### **“Polisfinge”, 2015.**

Projeto realizado em 2015, em Fortaleza, CE no Centro Cultural Banco do Nordeste como parte da mostra “Lugar Olhado”. Esse projeto trata da obra de arte no espaço público e as forças que o circundam e determinam sua função e destino.

A obra “Turismo Definitivo: escultura pública na Praça da Sé” apresenta um display de um projeto fictício de escultura pública para a praça localizada no centro da capital do Ceará, propondo a substituição de uma escultura moderna desativada de um artista cearense. O projeto inclui um texto que apresenta a ideia da Polisfinge, uma combinação do corpo felino com viatura de polícia e uma enquete direcionada ao público visitante sobre a viabilidade da implantação da obra.



Ambiente da instalação (à esquerda) Foto: arquivo do Artista  
Miniatura do Polisfinge (à direita) Foto: arquivo do Artista



Simulação do Projeto na Praça da Sé (à esquerda) Foto: arquivo do Artista  
Participação de visitante no enquete (à direita) Foto: arquivo do Artista

Mais informação sobre o projeto encontra no artigo publicado:

PELED, Y.; AZEVEDO, E. Polisfinge: decifra-me ou devoro-te. *Arte Sensorium*, v. 03, p. 29-39, 2016.

Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/1021>

**“Projeto Superperformance”, 2012.**

Projeto curatorial realizado no Espaço Independente 397, na Vila Madalena, em São Paulo (Prêmio da FUNARTE, 2012) que consiste em uma produção de múltiplos e sua distribuição gratuita. O evento contou com a participação dos artistas Yuri Firmeza, Daniela Matos, Vitor Cesar e Orlando Manescy. Nessa exposição foi proposto um cruzamento entre curadoria e artistas, através do formato de distribuição dos múltiplos. O mecanismo (prateleira com cabos e trava) permite ao visitante/performer oferecer o múltiplo dos artistas para outros visitantes. O projeto implicava a estratégia DTEEP, Prática de Dinâmicas e Trocas entre Estados de Performance, proposta em minha pesquisa de Doutorado.



Imagens da mostra. Foto: arquivo do Artista



Ativação do mecanismo para distribuição dos múltiplos. Foto: arquivo do Artista

Esse projeto resultou em produção textual publicada no catálogo da Funarte.

PELED, Y. Super Performance: Múltiplo e Gratuito. In: Izabel Costa. (Org.). Rede nacional Funarte Artes Visuais 2011 8ª edição. 1ed. Rio de Janeiro: , 2011, v. , p. 188-189.



**“Projeto Refluxo”**, 2013. Instalação com Cabine com objetos artificiais recolhidos na praia, textos.

A partir de fragmentos de objetos artificiais recolhidos na praia pelos participantes foram criados textos ficcionais. Os textos e os objetos foram montados em uma instalação, na qual o visitante é induzido a tentar descobrir conexões entre esses dois elementos. A obra foi exposta no espaço expositivo Galpão VIX, um galpão de escultura da UFES. O projeto foi desenvolvido especificamente para a disciplina de Escultura I, e vem se desdobrando em diferentes versões.



Instalação. Foto: arquivo do Artista

Objetos recolhidos. Foto: arquivo do Artista



Formato do suporte dos textos. Foto: arquivo do Artista

Sobre esse projeto encontra-se um artigo “Refluxo: a criação coletiva como metodologia de ensino contemporâneo” que aborda especificamente a relação entre arte ensino e participação. Disponível em: <http://www.dobbra.com/terreno.baldio/yiftah/REFLUXO-aCriacaoColetivaComoMetodologiaEE ensinoContemporaneoYiftahPeled-MaxLeandro CamilaSilva%20.pdf>

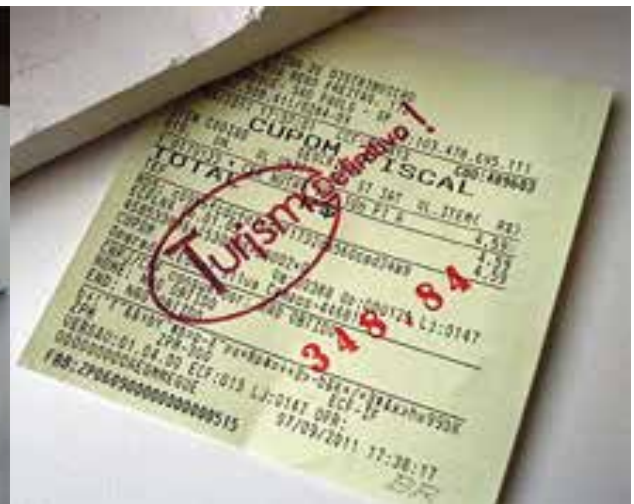


### Projeto Delicatessen+00, 2011. Ambiente participativo

O projeto Delicatessen+00 promove a criação de formas de gesso produzidos a partir do espaço "vazio" das embalagens de papelão de doces comprados e trazidos junto com o recibo de compra pelos participantes. O projeto trata do valor do vazio e da relação entre a quantidade bruta e o líquida das embalagens. Através de um cálculo realizado com o valor do produto apresentado, um novo valor é atribuído e carimbado sobre o recibo do produto trazido pelo participante. O participador é induzido a lucrar sobre o vazio da embalagem e leva para casa a forma por ele produzida. Um registro do projeto está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xR-FckDjGsk&t=5s>



Ambiente (à esquerda). Foto: arquivo do Artista  
Participantes (à direita). Foto: arquivo do Artista



Forma produzida (à esquerda) Foto: arquivo do Artista  
Recibo carimbado com novo valor (à direita) Foto: arquivo do Artista

**“Projeto Portal”, (2008 ). Estrutura móvel em madeira sobre rodas**

Um portal sobre rodas é levado da universidade ate a beira do mar. O projeto foi primeiramente executado em 2008 em Florianópolis, SC e a partir de 2014 em Vitória, ES. Na praia executa-se uma performance coletiva e participativa de passar pelo portal em direção a um mergulho no mar. O projeto é ativado na primeira aula da disciplina “Performance e participação” ofertada na UFES.



Praia Barra da Lagoa. Florianópolis, SC.  
Foto: arquivo do Artista



Praia de Camburi. Vitória, ES. Foto: arquivo do Artista



Registro e texto sobre o projeto em Vitória, ES encontra-se em: <https://www.youtube.com/watch?v=xR-FckDjG-sk&t=5s>.



A lógica da participação no trabalho corresponde a um conceito de desenvolvido e explorado durante meu doutorado em Poéticas Visuais na ECA/ USP em 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-14022014-112246/pt-br.php>

Esse conceito propõe dois deslocamentos no campo da performance: do artista/performer para o participante/performer, e outro que implica uma condição de ritmos de trocas entre os participantes, que se alternam da condição de performer.

A ideia do DTEEP vem sendo explorada desde 2003 em vários projetos.

**“Saco”, 2003.** Ambiente participativo. Proposição escrita, foto, saco de pano, ganchos de roupas.

Registros fotográficos de monumento público que se tornou obra participativa. Através de proposições escritas, os visitantes executam ações e tornam-se performers. Dessa forma, ocorre uma interação entre o público e o monumento sob uma dimensão mais próxima do corpo humano, induzindo uma redução na relação do poder entre essas duas instâncias.



Ambiente (à esquerda). Foto: acervo do artista

Imagem da escultura pública(ao centro). Foto: acervo do artista

Participação do visitante (à direita). Foto: arquivo do Artista

Além de objetos e instalações, torna-se relevante minha atuação como performer que gradualmente se construiu na direção de colaboração com o visitante. Desde 1993 tenho realizado performances ao vivo, além de intervenções urbanas. Muitas das minhas primeiras performance foram executados em espaços públicos, utilizando situações prontas que depois eram desdobradas em instalações. Eram registros de performance retrabalhados. Tais projetos ainda são executados atualmente, muitas vezes com situações colaborativas e participativas.

**"Alta Tensão"**, 2005. Performance participativa. Três performers, caixas com imagens de placas de alta tensão, osso da sorte em argila, som.



Images com participantes Fotos: arquivo do Artista

Na medida em que me interesse por obras participativas, minhas apresentações de performance também adquiriram elementos que intensificavam a ação da performance dos visitantes. A performance 'Alta Tensão' mostra a questão do visitante-performer e das dinâmicas e trocas de condições de performance. Inspirada na última cena do filme "O Sétimo Selo", de Ingmar Bergman, a performance operava como uma cerimônia de casamento na qual pessoas eram convidadas a participar. Ao som da marcha nupcial de Mendelssohn mixada, três performers, vestidos com caixas de papelão com imagens de caixas de alta tensão sobre suas cabeça escolhiam, aleatoriamente, visitantes para participação. Após abordar uma pessoa, o grupo colocava um objeto parecido com uma forma de 'osso da sorte' sobre seu pescoço. De mãos dadas, sob o som cerimonial, o grupo andava no espaço mostrando sua união performática. Esta ação se repetia com vários visitantes presentes no local da apresentação, criando uma dinâmica de participação e posterior observação dos presentes que se alternavam na condição de visitante-performer e observador.

O interesse sobre a tensão da participação reverbera na leitura do pensamento agonístico da Chantal Mouffe e Ernesto Laclau, discutido na dimensão das Artes Visuais por Claire Bishop, que destacam a ideia da permanência das diferenças e da vantagem de posições conflitantes dentro de uma certa moldura. O desafio é complexificar a participação e sair do aspecto meramente positivo para uma condição que problematiza a performance do participante.

O projeto foi apresentado em 2005 no Evento Perforipa, SC, em 2008 no Verbo, Galeria Vermelho, SP e, em, 2011 no Museu de Arte Moderna MAM, RJ.

Mais informação encontra em: [http://www.dobbra.com/terreno.baldio/mip\\_2205/yiftah.htm](http://www.dobbra.com/terreno.baldio/mip_2205/yiftah.htm)

### **“Intervenções em outdoors”, 1997-2002.**

Realizado em Curitiba, PR, e Florianópolis, SC, entre 1997 e 2002, o projeto de intervenções sobre outdoors foi uma forma de intervir, sem autorização formal, sobre imagens de consumo. A escolha dos outdoors acontecia a partir dos conteúdos visuais e apelos de suas mensagens. No projeto eu subia nu sobre um pequeno pedestal pregado sobre o outdoor, segurando frases que dialogavam com o contexto da propaganda ali veiculada evidenciando a condição de fragilidade do artista frente a propaganda.

Uma parte importante da ação acontecia antes da intervenção no outdoor. Trata-se da diluição da frase veiculada utilizando-se a minha própria saliva junto com sabão em pó. A ação foi vinculada a tentativa de diluir o poder enunciativo da minha afirmação, aumentar sua condição de fragilidade e promover o surgimento de uma qualidade ambígua do discurso. Rouanet (1996), com base em Foucault, indica que o discurso comporta dois aspectos superficialmente contraditórios, mas na verdade solidários: sua onipotência e sua fragilidade.

O uso da saliva sobre a minha frase é uma tentativa de diluir, na medida do possível, os efeitos desse poder já no ato enunciativo, afastando-se, assim, do processo de superação discursiva típico das operações dos manifestos dos movimentos na arte moderna. Foucault, em seu discurso na aula inaugural no Collège de France, em dezembro de 1970, inicia sua fala mostrando um caminho para fugir da imposição das palavras: “ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido pela mesma e levado bem além de todo começo possível”.

O projeto foi apresentado no Panorama de Arte Moderna no MAM, SP em 2005.

Mais informação no texto da crítica Regina Melim encontrado no catálogo da exposição.

Mais informação: [http://www.ufrgs.br/escultura/fsm/jornal/reginam\\_yiftah.htm](http://www.ufrgs.br/escultura/fsm/jornal/reginam_yiftah.htm) e [http://muvi.advant.com.br/artistas/y/yiftah\\_pelled/outdoor.htm](http://muvi.advant.com.br/artistas/y/yiftah_pelled/outdoor.htm)



Os registros desse projeto ganharam novos desdobramentos sob a forma de uma palestra performance na qual a plateia é convidada a desmontar o texto do artista com sua saliva, enquanto ele o pronuncia para o público. Em 2005 Essa palestra performance foi apresentada como parte do evento de Performance (Verbo) no Centro Cultural SP.



### **“O beijo”, 1997.**

Obra composta de balas, proposição e imagens de dois sabonetes sobre prateleira com a gravação da palavra ‘ilha’.

O aspecto participativo se torna ainda mais destacado, numa condição performática mais clara, quando passei a desenvolver projetos que denominei como ‘obras de doação’. Em tais projetos, o visitante, através de instruções impressas podia deixar parte de seu corpo sobre o trabalho; no caso, sua saliva. Os trabalhos induziam a uma desmontagem da obra pelo visitante e uma postura clara de performance. A saliva servia como ação digestiva exteriorizada sobre a obra. Através das instruções o visitante foi induzido a participar de forma destacada dentro do espaço expositivo tornando-se um performer e assumindo comportamentos não convencionais dentro de tais espaços.

Nessa obra, a instrução sinalizava para pegar e chupar a bala e, em seguida, fazer uma doação de saliva entra as imagens dos sabonetes.



Participante. Foto: arquivo do artista



Imagem. Foto: arquivo do artista



Proposição. Foto: arquivo do artista

Nesses projetos tentei associar o processo perceptivo ao digestório. O uso da saliva externalizava processos ligados à percepção. A questão da ‘digestão’ ou da primeira absorção da imagem que normalmente é feita só pelo olhar foi pensada como processo formador e deformador (relacionado ao pensamento Barthesiano ligado ao poder do mito). Agora um processo interno de absorção da imagem se tornou algo externalizado, uma digestão fora do corpo sobre a imagem, algo visível. Ao mesmo tempo, este ato deformava a imagem e criava um efeito cumulativo e coletivo como anunciava a efemeridade da obra.



**"Arquitetura /Pele", 1995**

A partir de 1995, passei a desenvolver obras que se relacionavam com o corpo em forma evidente com a arquitetura, através do uso de espelhos, imagens de pele e perfurações nas paredes, criando orifícios respiratórios no espaço expositivo. Os elementos de equilíbrio precário e os aspectos de temporalidade do corpo foram destacados.



"Arquitetura /Pele", 1995. Instalação com buracos na parede espelho embutido e olhos do participante refletidos.  
Foto: arquivo do artista



## CONSUMIR E SER CONSUMIDO

1994- 2011

Intensifiquei gradualmente a reciprocidade entre o trabalho e o visitante, elemento que surgiu em forma mais clara após a participação na Bienal de 1994. A obra da Bienal (figura abaixo) considerava fortemente a circulação dos visitantes. Eram duas estruturas de alvenaria branca semiabertas, com 7 metros de distância entre elas, espaço que permitia circulação dos visitantes entre as estruturas. Visto de cima a estrutura simulava a forma de um 'parênteses' dentro do espaço expositivo. Nas suas laterais encontravam-se uniformes de agentes de correio estendidos em uma posição que misturava a parte da frente e as costas da vestimenta, construindo um 'corpo' sob o impasse entre o movimento para frente ou para trás. No final do evento a obra foi encontrada parcialmente desmontada, pois o público acabou arrancando parte do uniforme da parede fazendo a obra parecer uma ruína.



Yiftah Peled, Sem título, Instalação, Bienal Internacional de SP, 1994.

O desgaste da obra me fez perceber que a circulação envolve não só visitação, como também um consumo mais definitivo da mesma. Tal fato me levou a pensar em condições recíprocas de consumo e na necessidade de destacar o visitante como consumidor. Posteriormente conheci a produção da Lygia Pape (1927-2004) e sua ideia de consumir e ser consumido na obra 'Eat me - a gula ou a luxúria', de 1976, dialoga com estes projetos.



Posteriormente, uma instalação de 1995, um corredor coberto com lixas na Galeria Casa da Imagem em Curitiba, PR, surgiu para elaborar tais questões.

Tal obra era composta de um corredor estreito com paredes cobertas de lixas vermelhas e o chão foi coberto com fotos da minha pele sobre as quais o visitante caminhava. A instalação parecia com um orifício do corpo, unido a arquitetura, que abrigava o movimento do público e induzia o desgaste da minha pele. Ao mesmo tempo, o corredor estreito apresentava um perigo pelo contato ríspido das lixas com corpo do visitante. Deixar marca na obra implicava deixar nela uma parte do corpo ou da roupa.

Yiftah Peled, sem título 1995, Casa da imagem Curitiba PR

**“Projeto Parede”, MAM, SP, 2011.**

A obra acima mencionada ganhou uma nova versão em 2011 no projeto parede no MAM de São Paulo, desta vez sob o chão foram incorporadas imagens da pele dos funcionários do museu junto com as minhas.



Foto realizado de dentro do restaurante do MAM SP



Visitantes na obra

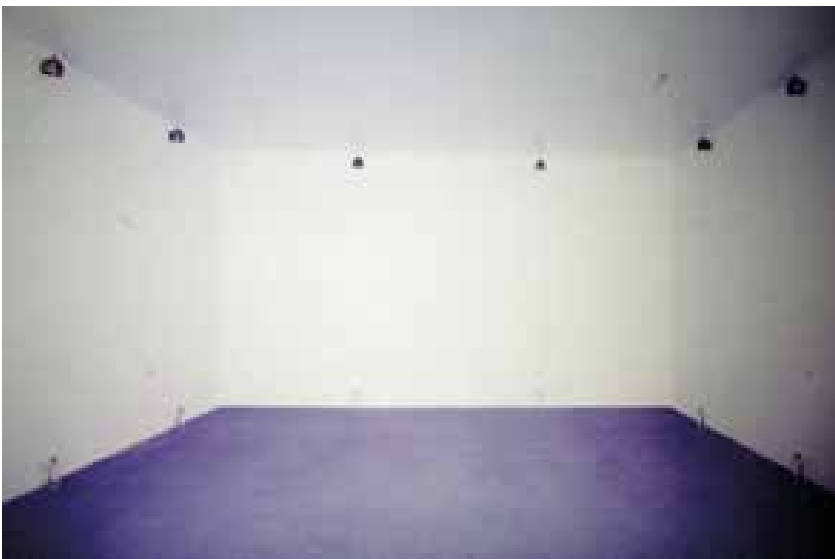
Trilha criada pelos garçons do restaurante do MAM

Mais imagens e texto sobre o projeto encontra em:  
<http://www.dobbra.com/terreno.baldio/yiftah/peled.htm>



## OLHAR PERIFERICO

Em 1993 idealizei instalações que proporcionavam espaços de inclusão do corpo do espectador, os quais denominei 'espaços do olhar periférico do visitante'. Uma delas, abaixo registrada, era uma instalação composta de objetos (industrias, as vezes fora de uso) que foram montados nas extremidades do espaço arquitetônico; alguns objetos pequenos no chão, e outros muito perto do teto, criando uma relação espacial num vazio extenso entre eles. Os objetos foram situados na periferia do ambiente. Pela distância entre os objetos a montagem apresentava dificuldade em abarcar os objetos. Como conjunto apenas poderiam ser percebidos como uma obra na periferia do olhar. Além disso, a montagem da obra no espaço colocava o conjunto dos objetos numa posição de 'equilíbrio precário', um balanço prestes a desmontar ou cair. Interessava-me o aspecto temporal e as marcas deixadas pelo uso desses objetos, por exemplos velocímetros usados marcados com os momentos de fim de seu uso pelo numeração gravada de KM percorridos. Mantive o espaço vazio entre eles para que visitante pudesse ocupá-lo.



Instalação sem título, velocímetros usados e furos na teto e mamadeiras com água. Foto: Acervo do Artista



Detalhe velocímetro usado com furo no teto da galeria.



**YIFTAH PELED**



**YIFTAH PELED**